



Entrevista com Beatriz Judith Lima Scoz

Pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal de Brasília/UnB; Doutorado e Mestrado em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP; Psicopedagoga pelo Instituto *Sedes Sapientiae* e pela Escola de Psicopedagogia de Buenos Aires/EPsIBA; Psicanalista pelo Centro de Estudos em Psicanálise-CEP/SP. Participou da implantação de cursos de pós-graduação *lato sensu* em Psicopedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Universidade Católica de Pernambuco; Centro de Estudos Superiores de Maceió e Faculdades Pio Décimo em Aracajú (1996-2000), atuando também como docente e supervisora de estágios; Ex- presidente e sócia fundadora da Associação Brasileira de Psicopedagogia; Pesquisadora integrante e ex-coordenadora do GT da ANPEPP: "Subjetividade, Ensino e Aprendizagem"; Membro e Ex-Representante Nacional da Sociedade Interamericana de Psicologia/SIP; Ex- Diretora do Departamento de Educação Infantil da Secretaria Municipal da Educação em São Paulo/SME; Palestrista, organizadora de vários livros e autora de artigos científicos e livros, dentre eles: *Psicopedagogia e Realidade Escolar* - 18ª Edição e *Identidade e Subjetividade de Professores: sentidos do aprender e do ensinar* - 2ª Edição.

1. Conte sobre a história da Psicopedagogia? Como e por que surgiu a Psicopedagogia?

A psicopedagogia surgiu no Brasil, inicialmente, como atuação clínica. Nas décadas de sessenta, setenta e na primeira metade dos anos oitenta, os alunos com problemas de aprendizagem eram encaminhados para vários profissionais ao mesmo tempo: psicólogos, fonoaudiólogos, professores particulares, neurologistas, dentre outros. Esse atendimento fragmentado não se sustentava. Havia desperdício de tempo e de dinheiro, com um agravante: a perda da percepção do ser humano em sua totalidade.

Surge então a psicopedagogia como uma possibilidade de integrar conhecimentos que permitissem uma visão integrada dos processos de aprendizagem, sobretudo, do ser humano inserido nesses processos.

Posteriormente, frente aos grandes índices de insucesso escolar, a Psicopedagogia inicia uma atuação voltada não só para os problemas de aprendizagem, mas também, para os processos de ensinar e de aprender.

Por fim, a meu ver, o surgimento e a consolidação da psicopedagogia ocorrem por um motivo muito maior e mais abrangente: a percepção cada vez mais clara de que no universo tudo e todos estão em conexão. Sendo assim, os pensamentos fragmentados em qualquer área do conhecimento ou setor da humanidade, não se sustentam mais.

2) É fato que o acesso à escolarização ampliou e que temos praticamente todas as crianças na escola, mas, isso não favoreceu a diminuição do analfabetismo funcional. Qual a contribuição da Psicopedagogia para tal quadro?

A quantidade de crianças dentro da escola de fato aumentou, um direito há muito reivindicado e justamente alcançado. Entretanto, a qualidade do ensino deixa a desejar. Há décadas, inúmeros pesquisadores, educadores e profissionais de áreas afins têm se debruçado sobre essa questão, infelizmente com resultados pífios.

Um agravante dessa situação é que os problemas mais contundentes da educação encontram-se na escola pública, justamente a que agrega o maior contingente de alunos brasileiros em idade escolar. Penso tratar-se de uma questão bastante complexa que envolve inúmeros fatores,

*Psicopedagoga e psicanalista. Pós doutorado (UnB), doutorado e mestrado (PUC/SP) em Psicologia da Educação.

dentre eles: baixos salários, desvalorização profissional, falta de estrutura por parte das instituições escolares, excesso de alunos nas salas de aula, rotatividade de professores, falta de continuidade das propostas pedagógicas por parte das instâncias governamentais, currículos e orientações educacionais que não se aplicam às reais necessidades de professores e alunos, por fim e principalmente, a formação de professores e educadores em geral.

No que se refere a este último fator, a psicopedagogia tem valiosas contribuições a oferecer: conhecimentos e orientações aos educadores para a compreensão dos processos de ensino e aprendizagem, dentre eles, os da leitura e da escrita e das possíveis dificuldades e/ou problemas que poderão surgir durante esses processos. Com isso, a escola poderia encontrar novos recursos para atuar frente à aprendizagem dos alunos e, talvez assim, parar de engrossar as fileiras de multirrepetentes que acabam se evadindo da escola ou se transformando nos analfabetos funcionais.

3) DA “escola para alguns” PARA “escola para todos”. Considerando-se tal premissa temos percebido que, muitas vezes, pratica-se a integração da/do diferente ao invés da inclusão de fato. O que a você pensa disso?

Penso que a inclusão, de fato, é necessária e muito bem vinda. Ela tem demonstrado inúmeros benefícios para todos os alunos não só no Brasil, mas em inúmeros países que adotaram essa prática. Pesquisas também têm evidenciado que os alunos incluídos, na maior parte das vezes, desenvolvem processos de ensino e aprendizagem com mais facilidade por conviverem com os demais. Estes, por sua vez, poderão desenvolver sentimentos de solidariedade e de compreensão frente às “diferenças”. Entretanto, há que se tomar alguns cuidados, dentre eles, o preparo da totalidade de funcionários da escola e dos professores para lidar com os alunos que apresentam algum tipo de deficiência e/ou diferença (auditiva, visual, física, mental ou até mesmo, defasagens na aprendizagem provocadas por inúmeros fatores). Penso ainda que alguns alunos que apresentam deficiências ou problemas de aprendizagem mais graves, além de frequentarem um período nas classes regulares, necessitariam participar de outros grupos com a mediação de educadores formados para lidar com suas dificuldades específicas.

Nos atendimentos aos alunos deficientes e/ou diferentes em ambos os grupos, os psicopedagogos teriam um papel importante: a oferta de subsídios para a escola e os educadores lidarem com esses alunos: materiais diversificados, lúdicos, dentre outros. E mais: os psicopedagogos poderiam oferecer à escola um trabalho com a dimensão pessoal da formação dos educadores e funcionários: *quais os sentidos que a escola e os educadores produzem acerca dos processos de ensino e aprendizagem dos deficientes e/ou diferentes?* Tenho percebido que, na atuação com esses alunos, muitas vezes, os professores produzem sentimentos de insegurança, desânimo, angústia, culpa, medo, dentre outros, bloqueando suas possibilidades de ensinar e, conseqüentemente, as possibilidades de aprendizagem dos alunos.

4) As crianças do século XXI apresentam mais dificuldade de aprendizagem do que antigamente?

Em primeiro lugar, gostaria de fazer uma distinção entre o que entendo por dificuldade de aprendizagem e problema de aprendizagem. Considero dificuldade de aprendizagem aquilo que é inerente aos processos de aprender e de ensinar. Ou seja, dificuldades que poderão ocorrer no percurso desses processos e que a escola teria condições de resolver, em alguns casos, com algum tipo de orientação. Já, os problemas de aprendizagem são mais complexos e necessitam um atendimento clínico psicopedagógico.

Isto posto, neste século, o acesso a novos conhecimentos possibilitou uma percepção mais clara das dificuldades de aprendizagem e/ou dos problemas de aprendizagem. Tal fato poderia causar a falsa impressão de que houve um aumento das dificuldades e/ou problemas de aprendizagem. Na verdade, elas existiam anteriormente, mas talvez, não fossem perceptíveis. Ao lado disso, o importante é que houve um ganho: o acesso a novos conhecimentos possibilitou não só a conscientização das escolas e dos cursos de formação de psicopedagogos sobre a importância da atuação desses profissionais nas instituições, principalmente as escolares, mas também, a criação e a utilização de um maior número de recursos para tratar as dificuldades e os problemas de aprendizagem. A própria Associação Brasileira de Psicopedagogia/ABPp tem um papel importante nessa questão. Um deles, a ênfase sobre as possibilidades de atendimento psicopedagógico institucional pela via de assessorias e supervisões junto aos educadores das instituições e o atendimento psicopedagógico clínico nos postos de saúde pública. O outro, a promoção e a divulgação de novos conhecimentos psicopedagógicos por meio de Encontros, Congressos, Simpósios ou outras atividades.

Por outro lado, não podemos esquecer que a escola é um aparelho da sociedade. Se hoje a sociedade é mais complexa do que nos séculos anteriores, o mesmo é válido para a escola. O aumento dos índices populacionais na humanidade em geral, assim como o aumento crescente do número de alunos nas escolas é, por si, um dado importante para reflexão acerca desse assunto.

No ensino público, há excesso de alunos nas escolas e nas salas de aula. As escolas não contam com professores auxiliares e, muitas vezes, sequer com um coordenador pedagógico. Na melhor das hipóteses, sabe-se que há apenas um coordenador pedagógico para atender professores e alunos de toda a escola. Tudo isso, acaba acarretando o surgimento de dificuldades de aprendizagem, muitas vezes, por falta de orientações seguras por parte dos coordenadores junto aos professores e/ou por falta de condições de atendimento mais individualizado junto aos alunos. O agravante é que as dificuldades de aprendizagem não atendidas poderão transformar-se em problemas de aprendizagem.

5) Escola e Família têm papéis e funções distintas. Conte um pouco de sua experiência na Psicopedagogia com essas duas instituições.

As distinções entre os papéis e funções da escola e das famílias nem sempre são claras para ambas as instâncias. Essa falta de distinção pode tornar-se um agravante para o sucesso na aprendizagem dos

alunos. As escolas acabam exigindo aquilo que as famílias não podem oferecer e, o contrário, também é verdadeiro.

Ou seja, cabe aos educadores assumirem a posição de especialistas em educação: o papel de ensinar os bens culturais de uma forma didaticamente organizada, o que implica em formas de organização das tarefas escolares a serem cumpridas pelos alunos; os esclarecimentos de dúvidas quanto ao conteúdo pedagógico ensinado em sala de aula; a promoção de ações para atender os alunos com dificuldades de aprendizagem; a orientação e o encaminhamento dos alunos para outros profissionais fora da escola, dentre outros. Cabe às famílias ensinar às crianças alguns comportamentos socialmente aceitos: esperar a vez de falar; sentar adequadamente nas cadeiras; não falar em voz alta; respeitar as diferenças (de gênero, de posição social, de raça, de seitas religiosas, de condições físicas, mentais e psicológicas); manusear os talheres para se alimentar (no caso dos menores), dentre outros. A partir do momento que os papéis da escola e da família começam a ser confundidos, haverá um desvio de funções com desperdício de tempo e de energia. Além disso, poderão surgir desacordos e conflitos nas relações famílias/escolas/alunos acarretando prejuízos nos processos de ensino e aprendizagem.

6) Psicopedagogia com adultos?

Sim, sempre... A psicopedagogia é uma área fascinante porque estuda e atua com processos de ensino e aprendizagem que fazem parte do desenvolvimento do ser humano desde o nascimento até a morte. Muitos adultos apresentam defasagens em suas aprendizagens: dificuldades para fazer cálculos, escrever textos, tomar decisões, aprender novas técnicas de trabalho; outros demonstram descrédito em suas capacidades de aprender e de ensinar. Há, ainda, os que vivenciam (e é comum) um fenômeno que se conhece por “simetria invertida”, ou seja, educadores que acabam reproduzindo com seus alunos aquilo que fizeram com eles.

Podemos apontar alguns profissionais que necessitam de um trabalho psicopedagógico por se defrontarem frequentemente com processos de ensino e aprendizagem. Tal fato ocorre não só na educação, mas também, nas áreas empresariais, médicas, educacionais, etc.. Os funcionários e os líderes de empresas ao apresentarem dificuldades para aprender novas técnicas de trabalho, para escrever, tomar decisões, etc ; os profissionais da área médica (pediatras, neurologistas, psiquiatras, dentre outros), por desconhecerem minimamente o que são processos de aprendizagem e, conseqüentemente, prescreverem medicamentos aos clientes que se queixam de dificuldades e/ou problemas de aprendizagem sem um critério seguro acerca das especificidades de cada situação, em alguns casos, até sem

necessidade; os educadores em geral (e também os formadores de educadores: psicopedagogos, psicólogos, dentre outros) por desconhecerem conhecimentos psicopedagógicos que lhes poderia prestar valioso auxílio na direção da melhoria dos processos de ensino e aprendizagem. Há ainda, a necessidade de uma ação psicopedagógica junto aos adultos idosos para resgatar as crenças em suas capacidades de aprender e de ensinar.

Entretanto, é importante frisar: todos os adultos que atuam frente aos processos de ensino e aprendizagem necessitam não só de conhecimentos psicopedagógicos teóricos e práticos, mas também, de uma ação psicopedagógica que lhes possibilite produzir novos sentidos e ressignificar seus próprios processos de aprender e de ensinar. Com isso, o descrédito nesses processos e os conflitos decorrentes do fenômeno da “simetria invertida” poderiam resolver-se.

7) Que aspectos você considera fundamentais na formação do psicopedagogo?

Conhecimentos teóricos e práticos de ótima qualidade que permitam o exercício da profissão com competência e sucesso na direção de um avanço nos processos de aprender e de ensinar. Esses conhecimentos devem aliar-se à formação pessoal, ou seja, a abertura de um espaço nos cursos de psicopedagogia para que os alunos possam vivenciar e ressignificar seus próprios processos de ensino e aprendizagem. Há um motivo bastante claro para tal propósito: ao atuar frente a esses processos em relação aos “outros” é imprescindível que o profissional da psicopedagogia encontre um espaço nos cursos de formação para perceber-se ensinando e aprendendo, ou seja: compreender os *sentidos que produz em seus processos de aprender e de ensinar*. No entanto, para a realização desse trabalho, é fundamental que os formadores de psicopedagogos também tenham trabalhado (ou trabalhem) com a sua formação pessoal e mais: que se apropriem de uma teoria que embase e possibilite uma atividade nessa direção. Se não for assim, a tão “apregoadada” (e necessária) “ formação pessoal” tenderá a cair no vazio...

8) Resuma em uma frase a importância do psicopedagogo se associar à ABPp Seção São Paulo.

A ABPp - Seção São Paulo tem demonstrado um compromisso firme, seguro e frutífero com a Psicopedagogia. Mesmo não presencialmente, tenho acompanhado as atividades por ela promovidas, a qualidade dos profissionais convidados e os comentários elogiosos por parte dos participantes. Sem dúvida, tudo isso significa um acréscimo para a formação dos psicopedagogos. Além disso, os associados têm descontos nas atividades promovidas pela Associação. E mais, não só

os profissionais da psicopedagogia mas também de qualquer área do conhecimento, necessitam de um espaço de conversa e de troca com seus pares. O isolamento empobrece e dificulta o avanço profissional.

9) Que mensagem gostaria de deixar para os nossos associados?

Em um mundo tão conturbado pela violência, pela incompreensão, pela ausência de solidariedade e de compaixão, eu deixaria uma mensagem na qual acredito e procuro seguir em minhas ações sejam elas psicopedagógicas ou psicanalíticas:

“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana” (C. G. Jung).

10) Para o profissional de psicopedagogia que está iniciando a carreira, que orientações você acha que são relevantes para o crescimento profissional?

Penso que o psicopedagogo, antes de tudo, só se forma em um espaço no qual possa produzir novos sentidos acerca de seus próprios processos de aprender e de ensinar. A meu ver, esse seria o pilar, ou até mesmo, o principal passo para o crescimento profissional.

Outras orientações importantes:

- O estudo de textos fundamentais para a sua formação e atuação profissional. A leitura desses textos deve ser contínua, lenta, progressiva e permanente.
- Pertencer à uma comunidade psicopedagógica. Conhecer outras pessoas que estejam estudando como ele e sentir-se pouco a pouco integrado a grupos de psicopedagogos.
- A prática de supervisão contínua com profissionais experientes e bem qualificados.

E, fundamentalmente, acreditar que:

“Se todo o ser humano é capaz de produzir novos sentidos e, portanto, de construir sua subjetividade, todo o ser humano é capaz de aprender e de tornar-se uma pessoa interessante”. (Beatriz Scoz)

